

TRANSCRIÇÃO

Bruno: Rosa você foi criada na Praça Mauá?

Rosa: Não, cheguei aqui com quinze anos?

Bruno: Com quinze anos de idade?

Rosa: Ahã

Bruno: É, em que lugar você se instalou na Praça Mauá assim que veio pra cá?

Rosa: Aqui mesmo na Rua do Escorrega.

Bruno: Na Rua do Escorrega?

Rosa: Hum, hum.

Bruno: No mesmo lugar que você mora atualmente.

Rosa: É, não no mesmo lugar. Morava um pouquinho mais acima, mas em menos de um ano... aí mudei... nessa casa até hoje.

Bruno: É, Quantas pessoas moravam na residência?

Rosa: É... cinco, eu e minha mãe e meus três irmãos.

Bruno: Mais três irmãos?

Rosa: É.

Bruno: Quais são... é... o nome dos seus irmãos?

Rosa: Dos meus irmãos? É, um já é falecido, Fernando, tem o Aílton e a Rosali.

Bruno: Ok! É, quem sustentava a casa... na época?

Rosa: Minha mãe.

Bruno: Sua mãe. É, qual era o trabalho dela?

Rosa: Camelô.

Bruno: Camelô? O que ela vendia?

Rosa: A princípio vendia frutas, correndo do rapa, subindo ladeira com caixote na cabeça correndo do rapa que não deixava eles trabalharem, aí depois ela armou a barraca dela mesmo, ficou vendendo assim tipo, comidas típicas baiana, aqueles tabuleiros de baiana que tinham antigamente aquelas baianas, ela vendia e que mantinha agente.

Bruno: E ela se vestia a caráter, como hoje tem algumas baianas.

Rosa: Vestia.

Bruno: Como ela era conhecida aqui na Praça Mauá?

Rosa: Baiana.

Bruno: Baiana?

Rosa: Baiana.

Bruno: É,... E você? Chegou aqui com quinze anos de idade...

Rosa: Na segunda vez, né? Porque na primeira vez eu tinha nove pra dez anos, mas morei com a minha madrinha lá pra Del Castilho, mas depois fui embora com uns onze, doze anos e voltei com quinze.

Bruno: Voltou pra onde?

Rosa: Aí voltei com a minha mãe que ela tinha vindo, antes ela morava, ficou lá né? Aí depois ela veio com as crianças e eu vim depois.

Bruno: Lá que você fala em Pernambuco?

Rosa: Exato.

Bruno: Mas você quando vem definitivamente pra cá, você tinha sonhos, é, é... desejava, é... arrumar um emprego, trabalhar, estudar, qual era a sua intenção? É melhorar de vida?

Rosa: Sempre melhorar, né? Estudar... assim eu era... assim muito,... assim muito tapada Bruno, não sei o tempo como te dizer o tempo... é, não era... bem orientada né? Assim, não tive, sem ter... criada muito fechada criança criada muito fechada, eu não sabia ainda o que queria da vida, se é bem estudar, se não era...

Bruno: Você terminou seus estudos aqui no Rio de Janeiro?

Rosa: Sim, é... fazendo cursos supletivos, não tradicional.

Bruno: Agora, é... você, você queria ser o que quando crescesse? Na sua infância?

Rosa: Na infância era, olha só, tinha o sonho de ser sanfoneira (risos).

Bruno: Sanfoneira?

Rosa: (risos) Tocar acordeom (risos)... é bobo, né? Mas é que em criança, depois... sonhei em ser aeromoça, mas não tive assim tipo orientação para estudar, fazer curso de tudo.

Bruno: É, essa sua vontade de ser é... música, músico, né? Ela tem alguma coisa a ver da região onde você nasceu? Ou você...

Rosa: Não sei, porque eu achava talvez bonito mulher tocando acordeom, talvez, porque eu via pouco né? Mas, não é, não fui criança de tá na rua, nem de sair, nem ir a baile, nem a samba, não conhecia nada, então, se eu vi alguma vez, quando estive na primeira vez no Rio, com a minha madrinha eu tinha visto e achei bonito a mulher tocando acordeom, foi isso (risos).

Bruno: Ah! Foi aqui no Rio?

Rosa: É, quando eu tinha assim nove pra dez anos.

Bruno: É... Com relação é,é... ao primeiro emprego, seu primeiro emprego foi aqui no Rio de Janeiro?

Rosa: Sim.

Bruno: Quantos anos você tinha?

Rosa: É, ah, já tinha dezesseis, não tinha preparo, né? Procurando no jornal... preparo nenhum, que dizer, tudo fica assim, aí num anúncio, aí foi, fui para trabalhar num circo, ajudar aquelas meninas que dançavam no circo antes de começar o espetáculo, entrava e tudo, eu já tinha corpo, com onze anos eu já tinha o corpo formado, aí depois fiquei sendo ajudante de mágico, foi o meu primeiro emprego.

Bruno: O circo, é... localizava-se aonde?

Rosa: Olha, ele ficava em locais, lembro o nome, né? Circo Olimecha, que vinha a ser de... é... o velho dono, pelo que eu saiba, já morreu tem muito tempo e tem o filho que é o Olimecha, que... ele trabalhava por aí ainda, era... escrevia textos pra Globo e tudo...

Bruno: É o Gugu Olimê... Olimecha?

Rosa: É, cheguei a trabalhar algum tempo né? Ía pra Campo Grande, ía aí pros bairros pra onde o circo ía eu ía atrás, meu primeiro emprego.

Bruno: Mas só ficava no Rio ou...

Rosa: Não, só no Rio... só no Rio.

Bruno: E, você pode me descrever um pouco, é, é... como era o ambiente de trabalho do circo, é... quantas apresentações? Se era, era muito desgastante?

Rosa: Não, não...

Bruno: Ou você gostava?

Rosa: Eu gostava, porque agente era como se fosse uma família ali no circo, não tinha... assim, agente chegava, botava aquelas roupas, aqueles maiôs, aquelas plumas na cabeça desfilava,... depois se tivesse alguma quem tinha prepara a acrobata, essas coisas tinha, agente não, era só as meninas, aquelas mocinhas, era só isso que fazia ou ajudava o mágico, ajuda em alguma coisa, e depois no final, eles faziam tudo o que tinha que fazer, né? As apresentações, depois no final, aí agente voltava, que voltava o elenco todo, agente voltava e era bom.

Bruno: E dormitório? Você, você voltava pra casa ou não? Tinha algum dormitório?

Rosa: Não, voltava. Não, voltava. Todo dia voltava, terminava o espetáculo e eu voltava pra casa.

Bruno: Você trabalhava todos os dias na semana...?

Rosa: Não, não, agora tem tanto tempo que na época... eu sei que final de semana eu sei que já trabalhava, assim tipo de quinta a domingo, quinta era... domingo sei que tinha matinê, sábado, não sei se tinha outro dia da semana, agora não me lembro, mas... que tinha matinê.

Bruno: E você recebia por apresentação, é... ou mensalmente?

Rosa: Agente tinha tipo um salário, agora, acho que era semanal, eu acho que era semanal.

Bruno: E dava pra você colaborar em casa com esse salário?

Rosa: Dava, dava, não era aquele dinheiro, mas dava.

Bruno: Você falou que dançava antes das apresentações, é isso?

Rosa: Não, agente é... se apresentava assim pelo circo, quando começava o espetáculo, é... apresentava todo o elenco, aí entrava umas moças, aquelas moças que entravam de maiô, tudo, se apresentavam, desfilando no picadeiro lá, e todos os artistas que faziam suas apresentações,... às vezes se tivesse algum negócio de dança eles tinham uma coreografia que eles marcavam, aí agente dançava.

Bruno: E a dança teve conseqüências futuras na sua vida ou não, só ficou por aí mesmo?

Rosa: Ah, teve, porque depois eu passei, vim trabalhar em teatro-revista.

Bruno: Teatro-revista?!

Rosa: É, na época existia, né? Alguém viu e chamou algumas garotas e eu fui trabalhar no teatro Rival.

Bruno: No teatro Rival?

Rosa: É, na época tinha teatro-revista e trabalhei, aí já tava com dezessete, dezoito anos, por aí, não tenho a data assim exata não.

Bruno: Mas como é, Como você foi parar no teatro-revista.

Rosa: Ué, alguém que no circo, assim, um chamando os outros colegas, conhecimento deles mesmos, né? Aí via as meninas que... tinham o corpo mais bonito, se apresentavam melhor e levava m, aí me levaram (riso) pra lá.

Bruno: Legal, é... o teatro-revista? Você é... ficou muito tempo trabalhando nessa área ou...

Rosa: Fiquei bastante tempo.

Bruno: Com dança?

Rosa: É, sempre dançando, assim, em grupo, né? Naquela época se chamava go-go girl, agora... se existisse, não sei, tipo aquelas chacretes, aqueles negócios, agente tinha as apresentações nos bairros, grupo de baile, um... eram dez, doze, quinze, muitas garotas que dançavam.

Bruno: Como que se chamavam as garotas?

Rosa: Na época era go-go girls.

Bruno: Você pode me explicar assim...

Rosa: O que, porque...

Bruno: ... um pouco mais afundo, é, por que do nome?

Rosa: Por que go-go girls é que era de que não, agente não era bailarina, formada numa coisa, agente dançava o que o coreógrafo marcava, né? Digamos tinha uma dança tipo afro, eles marcava, né? A coreografia fazia, agente dançava, uma dança tipo... um can-can, assim, aí marcava, e fazia tipo fundo assim pras vedetes, às vezes tinha uma vedete que tava se apresentando coisa, aí botava três, quatro, meia dúzia de garotas dançando atrás enquanto elas faziam aquelas, faziam os esquetes delas coisa, ou mesmo, ... fazia aquelas pontinhas assim nos cômicos que trabalhavam.

Bruno: Nessa época do teatro-revista, você conheceu gente de influência? Porque, é, é... nesses teatros-revistas sempre apareciam gente influente da sociedade...

Rosa: É,é,... Não, conheci não, só mesmo aquela, aquele pessoal da época, com quem agente trabalhava, cheguei a trabalhar com Costinha, Sônia Mamed, na época, com ... Ilza Carla, porque elas eram vedetes, agente era... assim corpo de baile, mas aquele pessoal de fundo, né? Que ficava na retaguarda (riso).

Bruno: Você trabalhou com o Costinha?

Rosa: Sim, tanto no teatro com em boate, fazendo show nas boates também.

Bruno: Tem alguma história engraçada, assim, sobre ele? Algum fato marcante, assim, dessa época?

Rosa: Dessa época,... porque eu era uma garota muito fechada, assim, muito tímida, eu não sei como é que eu ria em cena, fora de cena (riso) ficava sempre ou duas, três colegas batendo papo, fazendo palavra-cruzada no camarim, ficava assim, e não tinha muito aquele negócio de ficar saindo, de badalação, essa coisas não, eu fui criada assim muito mesmo assim, sem ter amizade, sozinha, minha mãe não deixava agente ter amizade, nem nada e na época eu fui criada muito sozinha e não sabia fazer, não é que eu fosse metida a besta, nem nada não, eu era tímida mesmo, eu não sei como é que eu cheguei trabalhar em teatro, em boate, se eu era tão tímida assim, bom dia, bom dia, boa tarde, boa tarde, mas não era assim de ta sabe, de juntar com aqueles grupos e tudo, raramente, assim, uma meia dúzia de garota, porque eram muitas, tinha época, tinha peças que tinha até quase vinte garotas dançando, que era muito.

Bruno: Aí no teatro de revista, é... você passa a trabalhar todos os dias da semana? Tinha alguma folga? Como...

Rosa: Na época que agente trabalhava era de terça a domingo... sempre foi folga na segunda-feira, sendo que nas quinta, acho que era nas quintas, tinha matinê, começava às seis ía até meia-noite... e sábado e domingo também, os outros dias era duas sessões...

Bruno: Uma a tarde...

Rosa: De oito às dez, não, de oito às dez e de dez à meia-noite... aí... ali também aquele negócio, eles conhecem agente o pessoal do meio mesmo, aí já chama pra chamar, pra trabalhar em teatro que também tinha esse show, em teatro não, em boate, que também tinha aquele negócio, aí me chamaram e eu fui pra boate.

Bruno: Foi pra boate... Agora você, é, é... tinha alguma formação como dançarina,...?

Rosa: Nenhuma, nunca tinha nem visto, eu nunca tinha pra te dizer, da idade que eu comecei a trabalhar, da minha infância até aquela idade, eu acho que só tinha ido ao cinema uma, uma ou duas vezes porque matei aula e só (risos), nunca tinha visto, não sabia como é que era, entrei assim de cara, assim porque tava procurando emprego e é aquele que eu vi no jornal.

Bruno: Então, assim foi mais na questão do corpo, da valorização da beleza do seu corpo... você acredita nisso?

Rosa: De cara não coisa, mas eu tinha o corpo muito bonito e tinha assim as coreografias que eu assimilava logo, sabe?

Bruno: Tinha facilidade?

Rosa: Muita facilidade para guardar a coreografia.

Bruno: Agora você falou que sua mãe era meio repressora, rigorosa assim na educação...

Rosa: É ela fechava, ela tranca, agente não tinha colegas nós assim, ficava dentro de casa, de casa pra escola meus irmãos agente, que ela foi uma pessoa criada sozinha com aquela, a mente dela era muito fechada, entende? Não teve, criada desde os cinco anos sem pai sem mãe ai no mundo, sem aprender a ler sem nada e que ela, que o certo dela era aquilo, que filho, é criança não ia na casa de vizinho pra brincar, nem aceitava pra evitar fofoca essas coisa assim, não tinha, então, agente não teve assim aquela é, como, abertura, foi assim que agente, que ela cuidou da gente.

Bruno: Agora, é...

Rosa: Mas cuidou bem graças a Deus.

Bruno: Ela é pernambucana ou baiana mesmo?

Rosa: Não, ela era pernambucana.

Bruno: Pernambucana?

Rosa: É.

Bruno: E conseguia sustentar a casa toda com a venda de os quitutes...

Rosa: Manteu, mantendo, manteve a família, deu estudo para os filhos, tudo trabalhando na rua.

Bruno: E seu pai?

Rosa: Meu pai eu não conheci, porque ele morreu, minha mãe fala que eu era muito pequena, meus, tem três irmãos são parte do outro marido que ela teve... que ela também não vivia com ele.

Bruno: Agora, é, é essa é, vamos dizer educação repressora que, que você teve é não atrapalhou no momento em que você foi pro teatro-revista como dançarina em que tinha essa questão de mostrar o corpo... a sua mãe não...

Rosa: Não, não ela via, ela ia ao teatro quando estreava uma peça nova ela sempre leu... trabalhava assim de biquíni e tudo mas agente usava meias naquela época e tudo ficava só tipo na praia ou essa parte assim sutiã, porque a perna tava coberta também porque tava de meia as pessoas de fora que não viam mas agente sabia que tava de meia aqueles biquínis pequenos e tudo mas e ela via, ela nunca falou assim nada não... o que falava assim, falava não agente sentia, eu sentia ou não sei porque era uma pessoa muito desconfiada achava que a pessoa estava olhando, achava que a vizinhança e que não aceitava, tipo uma garota que trabalhava de noite fazendo show em boate ou teatro era tida como prostituta, na época, ai era a cabeça dos outros poucas pessoa na rua falavam mas não tá assim tipo não falar mas agente sentia né? Que pô pelo olhar das pessoa tu sente quando a pessoa ta te olhando assim, pô trabalha de noite, sai toda noite, acha que dali faz mais alguma coisa, mas felizmente só foi mesmo o trabalho (risos)

Bruno: Agora, é com relação aos patrões né? Eles davam é, é condições é, é de trabalhos descentes assim, ou não, você sentiu uma certa ausência deles é, é com relação ao amparo, ao material de trabalho, caso precisasse, maquiagem é saúde, você tinha uma liberdade pra...

Rosa: Agente tinha contrato né? Tipo assim, digamos que uma peça fosse passar seis meses, o mínimo do contrato era de três a seis meses, mas sempre passava

mais porque eles investiam na peça, gastavam dinheiro porque a roupa era por conta deles, agora, maquiagem assim essas coisas sapatos, tinham alguns sapatos que era por conta deles também porque era o tipo de dança que eles queriam tava querendo tudo igual aqueles regócios, meia também era por nossa conta mas a roupa era do teatro e agente tinha um contrato, quem era sindicalizado pagava o sindicato, tinha direito a medico essas coisas...

Bruno: Você era sindicalizada?

Rosa: Eu era sindicalizada, infelizmente parei de pagar o sindicato dos artistas parei de pagar que já era uma garantia pra ir lá pro retiro (risos)... ai trabalhando no teatro eu conheci né? Uma menina que me chamou pra ir pra boate eu fui, ensaiei bonitinho tudo direitinho, aí, mas ninguém me falou nada assim antes, tem que ter vinte e um anos, ai passei umas duas ou três semanas ensaiando lá roupa tudo prontinha, no dia da estréia fui barrada, quando o dono da boate me pediu os documentos que era pra assinar fazer contrato eu não tinha vinte e um anos, ai chorei porque eu já tava que agente vai se acostumando fazendo amizade com aquele pessoal... mas sempre tem alguém que dá um jeitinho né? Que na época eu tinha uns despachantes que arranjaram e tiraram documento como se eu tivesse vinte e um anos ai uns dias depois eu comecei a trabalhar.

Bruno: Mas foi por sua conta ou por conta do dono da boate influência dele?

Rosa: Não, influência não, eu queria trabalhar pois já tinha ensaiado e estava tudo certo já era dinheiro a mais eu teria, assim eu digo, não ai me falaram te um menino ai que ele é despachante se quiser ele te adianta eu digo então tá, vamos, mas dono de boate não, o dono da boate queria que o documento da gente fosse de maior, ele não mandava agente se fosse de menor tirar não, porque também não eram tantas não eram poucas garotas que às vezes, de menor assim, no teatro podia, agente, porque só trabalhava até meia noite, na boate não, porque aí era de madrugada, né? Às vezes, até cinco da manhã.

Bruno: A sua preferência pela boate é, é, se deu por que? Pela motivação financeira...

Rosa: É, a boate pagava mais do que o teatro porque o teatro agente recebia só o salário mínimo, aquele salário, e tudo com a gente, né? Condução, maquiagem,

meia, essas coisas, que se gasta, se gastava bem mas o tea... a boate era o complemento, né?

Bruno: Você continuou no teatro-revista?

Rosa: Continuei, enquanto deu eu continuei

Bruno: Agora o teatro-revista, você falou que era, você...

Rosa: Comecei no Rival, terminei no Carlos Gomes

Bruno: E a boate, qual o nome da primeira boate?

Rosa: A primeira boate era Balalaica, na Siqueira Campos, tempo que não existe mais

Bruno: Você sabe o que é hoje lá?

Rosa: Olha, há um tempo atrás tava um supermercado, agora eu... há muito tempo que eu não vou pra aqueles lados não sei não, que, se ainda é um supermercado, mas... na parte baixa tinha se transformado em supermercado, em cima deve ter o prédio todo, eu não sei.

Bruno: Você pode descrever assim, eh, essa boate e, sua rotina de trabalho, ainda no teatro-revista, eh, como começava seu dia de trabalho, começava, por exemplo, cinco horas, terminava cinco da manhã, você pode descrever isso pra mim, tanto o aspecto físico da boate, como sua rotina de trabalho.

Rosa: Era tipo assim, no dia que tinha, terça, domingo, né? Tiraram... a boate tinha todo dia, não tinha folga, não, agora o teatro começava às seis, dia de sábado, dia normal às oito horas, quer dizer, pegava às sete, tinha que chegar, se maquiar, pentear, de acordo com cada dança, tinha que ter um penteado, ou prender o cabelo, pra botar chapéu, alguma coisa, e ia até meia noite, meia noite agente corria pra boate, aí digamos que tivesse o show uma hora, que é de, sempre agente fazia dois shows ou mais, aí esse show de uma hora podia terminar duas e pouco, duas horas, que sempre era mais estendido, às vezes ali acabava agente ia embora, às vezes dava chance de, ir pra outra boate, fazer show, tinha show que terminava cinco horas da manhã, e agente vinha, sem contar quando tinha que mudar, digamos, no teatro tinha que mudar a peça, né? Aí, começava cedo tipo, duas horas da tarde, pra começar a ensaiar, aquele que ainda ia entrar mas tu já tava trabalhando na atual mas, e na boate também era a

mesma coisa, tinha um show que já tava meio batido, né? Aí tinha que trocar, aí também, ensaio começava às duas da tarde, três, tu ficava até às seis ensaiando, cinco, quando tava só na boate, vinha pra casa, tomar banho, depois voltava tudo de novo, era dureza, não era brincadeira não, essa, fala assim, essa vida é fácil, mas não era não, só quem trabalhava lá que sabia quanto era desgastante assim, né? Você sai pros ensaios porque, poxa, você vinha pra casa quase seis horas da manhã, né? Ia dormir e tudo, quem tinha que dar uma ajudinha em casa, tinha que dar, né? É que, minha mãe trabalhando e tudo, agente, cada um tinha uma tarefa em casa, minha irmã descascava... minha irmã não sabia descascar o aipim direito, eu que descascava, quer dizer, ela já moía, limpar o côco, ralar o côco pra ela fazer as cocadas, quer dizer, era...

Bruno: E seus irmãos?

Rosa: Cada um fazia um negócio também, minha irmã passava no, na máquina de moer aipim, já tinha dado descascado pra ela, meu irmão também fazia algumas coisas, ficava lá junto com minha mãe, dando uma força pra ela, e meu outro irmão ficava mais com a madrinha dele, que ele foi criado mais com a madrinha, mas cada uma fazia uma parte, na casa também, né, eu e minha irmã, uma arrumava outra passava (risos).

Bruno: Rosa, você falou que começou numa boate na Siqueira campos, qual é o nome?

Rosa: Balalaica

Bruno: Balalaica, e, depois dessa boate, você só trabalhou nela ou teve mais algumas outras?

Rosa: Ah, eu trabalhei em uma porção de boates, só que eu, algumas eu, não... tinha Tabariz, na Siqueira, na Prado Junior, lado da praia, teve umas pequenininhas por ali, Ronald de Carvalho, se não me esqueço, virou cooper, no antigo beco das garrafas também e, passei a ficar, trabalhar só em show boate, aí parou um tempo teatro, aí fiquei só fazendo boate, porque, primeiro, porque o teatro-revista já estava quase acabando, né? Aí não tinha muito, aí agente ficou só fazendo a boate, aí não dava uma só, tinha que fazer duas, tinha épocas que fazia até três.

Bruno: Era uma correria então?

Rosa: É correndo de cá pra lá, e a gente economizando, pra não andar de táxi, andar de ônibus, táxi tinha que ter uma cinco pra fazer a vaquinha, e ônibus, ônibus não tinha à noite toda, mas, poxa, se fosse agora eu não ia dar não, não ia dar porque, porque naquela época tu podia andar no táxi sem a violência que ta agora, que, andar de madrugada tá brabo, e agente andava, às vezes até sozinha, ia fazia show até na Lapa, no Novo Capela e tudo, ia e ninguém mexia com a gente.

Bruno: Fazia show na Lapa Também, no Novo Capela?

Rosa: No antigo Capela né? Tinha, em cima tinha show, embaixo é restaurante até hoje, agora não sei se ainda é, fizemos lá...

Bruno: Você falou muitos nomes de boates em Copacabana, e agora você falou em um na Lapa, mas outro, outros bairros do Rio de Janeiro que você tenha trabalhado em boates também

Rosa: Não, só em Copacabana, na Lapa e na, como é o nome dessa boate que tem aqui na Praça Mauá, ai uma que tinha, como que fala, esqueci o nome dela, vou lembrar.

Bruno: Ficava aonde? Em que rua?

Rosa: Na Praça Mauá, na Sacadura Cabral, na época ela era famosa, esses shows era, eram shows muitos famosos, eram, assim, até o Fantástico vinha gravar esses shows aqui é, e era com esses caras, Costinha, Cole, esse pessoal tudo que trabalhava aqui.

Bruno: É..

Rosa: Também, carteirinha assinada, direitinho, tudo...

Bruno: Agora é, as boates, dessa época que você fala, década de sessenta, setenta.

Rosa: É, comecei em sessenta e quatro, por aí, até...

Bruno: Você trabalhou até que ano?

Rosa: Setenta e pouco, foi setenta e pouco, parei o Márcio tava com uns quatro anos, setenta e pouco.

Bruno: Setenta e pouco, agora as boates é, os esquemas assim, proibição de menores é, naquela época, era mais rígida é, do que hoje, ou não, assim...

Rosa: Naquela época a, tinha shows, eu vejo falar que não tem mais show, eu não freqüento mais porque não dá, né? Senão eu ia até ver, por causa desse Joelho, mas, pra, que tanto aconteceu comigo, que eu não comecei a trabalhar porque só tava com meu, dezenove, vinte anos por aí, então de menor não, era realmente proibido, agora eu não sei, porque também agora não tem os shows que tinha antigamente, antigamente tinha shows, eram shows montados, tipo diga assim a Broadway, menos né? Mas esses shows assim montados, coreografados, tanto, na época eram shows, agora não sei parece que não existe mais, esse tipo de trabalho, teatro-revista não existe mais, e esses shows em boates também, a o nome da boate na Praça Mauá era Cowboy, que tinha uns shows muito bem montados, e show que passava mais de seis meses em cena aí...

Bruno: Cowboy?

Rosa: É

Bruno: O nome da Boate?

Rosa: ahã

Bruno: Os freqüentadores dessa boate, era, era gente o que, de que classe social?

Rosa: Olha, isso eu não posso nem te falar, porque, agente não tinha muito contato assim com eles, pelo menos eu, não tinha, porque, você chegava na hora do show, nem parava assim, no salão, ia direto pra, pro camarim, se faltasse muito tempo tu ficava fazendo hora, a não ser alguma garota que gostava de bater papo, ficar dançando, mas era raro, normalmente agente ia direto pro camarim, ficava lá, se tivesse na hora do show, já chegava se trocando, que, às vezes saía de uma casa pra outra, e chegava já em cima, não dava nem tempo de nada, era só ir já botando a roupa, tirando, e quando terminava aquele tu já tinha que trocar pra ir pra outro lugar, ou então se tivesse um outro show naquela boate, num horário mais tarde, agente, normalmente ficava no camarim, eu normalmente ficava no camarim, ou juntava as cadeiras e deitava ou ficava fazendo palavra cruzada, não ia não era muito de ver, agente, lá no quarto ta passando agente vê porque tem

gente, mas, assim de fazer amizade, de ver quem é, não sabe, sabe que tem muita, todo tipo de gente, né?

Bruno: Nesse meio, né, o meio artístico, é, você deve ter conhecido muita gente influente da época, é, artistas, é, você pode contar algum caso que tenha ocorrido, assim, algum fato que marcou assim a sua vida nesse meio artístico?... Tem algum em mente?

Rosa: Não, assim não.

Bruno: Nenhum.

Rosa: Não conheci muita gente assim não. Porque, sei lá, agente era mais, agente era a retaguarda (risos), mais a retaguarda não,... eles estavam lá e agente, assim digo de intimidade, assim, dava um bom dia, boa tarde quando chegava, né? Quanto mais assim de ficar batendo papo, o mais que agente assim tinha um pouco de intimidade, é realmente assim que ele ainda brincava com a gente é... foi com o Cole, o Silva Filho, que também foi dono de uma companhia, não é? E o Costinha... sempre sacaneando alguém, brincadeira, tudo, assim e aquela, Sonia Mamed, era... teve... Tânia Alves que era também, tipo... ela tem as... que tem as go-go girls, as vedetes, as vedetinhas e as estrelas é... essas assim...

Bruno: Tinha uma hierarquização?

Rosa: É, as mula... que né? Que algumas, algumas go-go girls que falavam, que eram desinibidas, aquele negócio... eles davam a oportunidade de participar de um esquete, sabe? Falar, entrar falando... outras só dançavam mesmo.

Bruno: Agora, é, é... a partir de que momento assim que, é... você foi saindo de cena, vamos dizer assim, é... desse mundo da dança, e...

Rosa: Eu já estava com trinta e pouco, foi até que... saí, saí por amor (risos), engraçado, né? Mas foi. Porque ainda estava trabalhando, ainda tava, sabe? Trabalhando aí. Teve uma época que eu parei assim de ficar fazendo esses shows montados de te... de boate e conhecimento, tinha uma churrascaria ali na Voluntários da Pátria, churrascaria Schinitt, que agente ia fazer show lá, teve uma época que fizemos... conhecimento assim com o pessoal do samba.

Bruno: Qual é o nome da churrascaria?

Rosa: Churrascaria Schinitt.

Bruno: Ficava aonde?

Rosa: Na Voluntários da Pátria, que agora também parece que é um supermercado, onde era... ai que tinha na época, tinha José Fernandes, o durão lá, tinha o show dele e tinha o show de negócio de samba, pagode aí... conhecendo uma garota lá me chamaram né? Para participar de um grupo, aí agente formou um grupo, aí eu já não trabalhava mais fazendo aqueles shows de... aqueles shows montados aí agente começou a fazer parte de um grupo, As Diabólicas...

Bruno: As Diabólicas?

Rosa: As Diabólicas, é aí agente fazia shows assim mais, lá agente fazia todo dia e tinha outra boate que fazia, mas agente só se apresentava assim, sambando, agente fazia a nossa coreografia mesmo, sambava, tinha o grupo dos ritmistas né? E volta e meia agente fazia show assim fora, tinha essa época de eleição tinha muito show agente fazia por aí por fora Vitória, Campos, agente chegava lá fazia aquele show, aí eu passei a ser sambista (risos), sambista... uma amarela no samba (risos), porque eu não sou branca, não sou preta, passei a ser uma amarela no samba, mas era legal, foi legal essa época também.

Bruno: Nessa época você tinha algum patrão, ou não, era independente?

Rosa: Não, agente, agente era independente. Tinha assim um patrão que ali na churrascaria Schinitt agente era agente mesmo, nós só, cada um fazia seu contrato e trabalhava lá, mas tinha, não era bem um patrão, era um cara tipo assim um empresário que ele quando precisava de... de garotas... de grupo pra fazer show fora com ele, ele chamava sempre agente, era o filho do Oswaldo Sargentelli.

Bruno: O filho do Sargentelli?

Rosa: É, o filho.

Bruno: Qual é o nome dele?

Rosa: Olavo, Olavo Sargentelli... que ele botava dizia que as... as do pai eram as mulatas que não estavam no mapa e agente estava no mapa e agente fazia muito show com ele, ele é que levava pra... arranjava muito show pra viagem aí depois também apareceu, inauguraram a boate Barbarela, aí como eu tinha

conhecimento me chamaram aí eu voltei, fazia quando tinha esse showzinhos eu fazia mas aí teve um show montado de novo, aí eu voltei pra fazer show lá no Barbarela, aí até foi lá que eu parei.

Bruno: No Barbarela?

Rosa: É, foi lá que eu parei, que eu fazia lá e fazia numa boate na Lapa que... agora não me lembro não se era Dominó, porque tinha muitas, tinha umas quatro boates por ali pela Lapa, agora não me lembro se era no Dominó, porque tinha Tom & Jerry e tinha outra, eu tava fazendo... fazia dois shows no Barbarela e de madrugada vinha já fazia lá na Lapa... aí... foi quando conheci meu ex (risos), aí acabou tudo (risos).

Bruno: Por que?

Rosa: Porque até aí eu trabalhando, aí o cara uma vez pegou minhas coisas e jogou tudo dentro do vaso, peruca, minha maquiagem toda, porque... e aquela história que mulher, não queria a mulher dele trabalhando e botando o rabo de fora, essas coisas assim aí...

Bruno: Machista?

Rosa: É... e aí eu parei, mas trabalhei bem... cheguei a ir à Lu... é... à Luanda, num grupo de baile, lá também, foi meio, lá foi meio durinho, quando agente viajou porque eles falaram que era umas vinte e poucas pessoas entre o dono do balé, o costureiro e as meninas, mas chegou lá, aí tinha um probleminha aí... pra mim e pra mais alguns era grave porque eles não falaram que lá agente trabalhava, mas tinha antes de trabalhar, antes do show, você tinha que ficar lá pelo salão, tinha que beber, pra ganhar comissão, essas coisas, e eu que não bebia nada, na época só Crush, que existia um tal de Crush, era só o que eu bebia, mas aí também não... passou, agente tirou de letra porque fez amizade com as meninas que trabalham na casa, porque tem aquelas meninas que trabalham na casa, né? Agente,... também fez amizade com elas... me deram a champanhe, pedia a champanhe pra gente e dava pra elas e, e foi... passei seis meses lá

Bruno: Em Luanda?

Rosa: Hum, hum...

Bruno: E você que bancava, assim essa champanhe, que eles obrigavam vocês a beber?

Rosa: Não, era o cliente que tinha que pagar, que era pra poder doar, aí dava comissão pra quem bebia, se a menina pegasse três, quatro, cinco champanhe ela tinha comissão

Bruno: É Rosa, você tem dois filhos, né? É, o Marcio que é o primeiro filho, nasceu em que ano?

Rosa: Setenta e quatro.

Bruno: Setenta e quatro, é, na sua gravidez, primeira gravidez, atrapalhou seu trabalho de dançarina, ou não?

Rosa: Não porque já, quando, para a hora que quer, né? Você tem um contrato mas você chega pro dono, fala assim ó, não ta dando, não dá pra fazer isso, aquilo, sai numa boa, quando puder voltar, você saindo numa boa, com teus patrões, você sempre tem lá aquele mercado, na época, tinha sempre aquele mercado pra trabalhar, e eu com meus patrões sempre, eu nunca tive, assim nada contra nenhum deles, nem contra os donos da casa, porque também tem aquilo, tem os donos da casa que é quem paga agente, e tem o bailarino que é o dono do balé, quem organiza o grupo, quem formou o grupo, quem ensaia e tudo e com todos sempre me dei bem porque, eu tinha aquela facilidade, não dançar maravilhosa mas, guardar as coreografias, eu guardava muito, passava uma, duas vezes eu guardava tudo, eu tava sempre lá na frente, até mesmo, passando, chegando garotas novas, com mais, eu sempre tava na frente, que até eles virem com alguma coisa pra fazer, eu passava pras garotas, então eu sempre tive muita facilidade de me dar bem com eles, tinha deles, teve um que eu trabalhei que era muito meu amigo, também, agente saía assim, quando terminava, pra ir lancha, ia esperar o ônibus, chegava pra me botar no ponto do ônibus, assim, esse foi lá no beco das garrafas, uma pessoa maravilhosa, sabe ele, é um pianista, era um pianista muito bom...

Bruno: Qual o nome dele?

Rosa: Everardo.

Bruno: Everardo, sobrenome, você lembra?

Rosa: Não, ele só era Everardo, assim, ele não usava sobrenome artístico não, só usava, e nem era bailarino, ele era pianista só que ele formou um grupo de baile e botava um bailarino, pagava um bailarino pra... e sempre eu tive essa facilidade... e guardar bem as coreografias, seqüência sabe, que com... tinha uma dança aí às vezes, alguns minutos, tem uma seqüência grande de muitas coreografias, uma atrás da outra, e agente tem que entrar em cena, digamos seis vezes, eu guardava a coreografia de todas assim, rapidinho, então...

Bruno: Isso tudo sem nenhuma formação?

Rosa: Sem nenhuma formação, e sem nunca ter visto nada, essa facilidade eu tinha de guardar, passou uma, duas vezes eu já guardava a seqüência, tudo, me dava bem com eles todos.

Bruno: Agora Rosa, foi após a primeira gravidez que você deixou a danço ou não, você retornou, continuou a trabalhar?

Rosa: Não, continuei a trabalhar algum tempo, depois que começou, que não deu mais, mais ainda continuei a trabalhar algum tempo.

Bruno: Quando você ficou grávida pela segunda vez, é você ainda trabalhava?

Rosa: Não, já tinha muito tempo que eu tinha parado de trabalhar.

Bruno: Já tinha parado, você disse que parou por amor, por ciúmes?

Rosa: É, não sei se era ciúme, hoje eu sei que eu não fui amada, eu só amei, ele tinha consideração comigo, hoje é, eu acho que tenho essa certeza.

Bruno: E como você conheceu esta pessoa?

Rosa: Na boate

Bruno: Ele também trabalhava na boate?

Rosa: Não, ele passava assim de passagem, porque ele ia com um compadre meu, que sempre tava por lá, que veio a ser o padrinho do Alessandro, esse eu já conhecia, né? O Mineiro, ele que tava sempre por lá, às vezes tava dirigindo táxi, tudo, e ele às vezes ia com ele lá, ficava olhando o show tudo, todo metidão, é, aí todo metidão, e eu uma vez falei com uma colega minha que aquele cara que anda com o Mineiro é metido cara, pra caramba, e agente fez uma brincadeira aí (risos) dizendo pô, ninguém, agente não tem tempo de namorar, agente não namora, só de uma boate pra outra, corre para aqui, corre para ali, assim, mas

não é, não tinha antes do tempo não, eu ia muito a cinema, sozinha, ía muito a Maracanã, sozinha, chorava, brincava, o Flamengo me fazia rir, me fazia chorar (risos), mas sempre sozinha, eu não fui uma pessoa de muito namoro assim não, eu não sei se era o tempo que não dava ou eu que não deixava a pessoa se aproximar, aí eu e essa amiga minha, vê... de molecagem, iii... cara tâmo precisam..., tá chegando o final do ano, agente precisa arrumar um namorado e um namorado... preto que é pra limpar o sangue (risos)... numa brincadeira... terminou... aí ele começou a aparecer lá, aí ele começou a aparecer lá, aí eu olhava tudo, depois o Mineiro apresentou, meu irmão e sei que lá, mas agente só se cumprimentava assim, porque ele sempre foi muito fechadão e tudo, não sei nem quando é, como é que começou... só sei que começou.

Bruno: E vocês se casaram ou não?

Rosa: É, agente se juntou, passou acho que um ano e pouco por aí...

Bruno: Morando aonde?

Rosa: Na Rua dos Inválidos... ali perto, aí depois ele resolveu casar, eu tinha vontade de querer casar, toda mulher tem, mas eu nunca, dizia assim, falar em casar porque... não sei, achava que isso tem que ser do homem, né? E ele, uma vez na Marinha tava tendo casamentos comunitários, aí ele se empolgou, aí levou a papelada e tudo, aí depois, como ele é um pouco metido, resolveu que não ia mais casar ali com, no meio de todo mundo, aquele negócio que ia ter festa lá na Marinha, aquele negócio todo, os plebeus, que ele não se acha, né? Aí resolvemos casar só, agente fez só uma... que casou só lá no Civil.

Bruno: E, a partir daí, ele, ele, é, é... não gostando que você é...

Rosa: Foi e agente não falava mais nem, nesse negócio de dança porque eu tinha, eu não dependia financeiramente dele, porque eu... tinha um dinheirinho guardado, tinha jóias, eu vendi, juntei, comprei um táxi, porque eu sempre gostei de ter meu dinheiro na mão, nem pra minha mãe, que ela dava pra gente, eu não gostava de pedir, que agente pede, aí às vezes dá uma desculpa: ah, hoje não posso... eu sempre gostei do... pagar minhas contas, de fazer minhas coisas certinhas, sabe? Porque eu cresci assim, vendo minha mãe sendo assim lutando sozinha e sendo assim... eu acho que isso eu peguei dela, aí... quando fui morar

com ele, eu parei de trabalhar, mas aí, eu digo... eu tinha vontade, já tinha isso em mente, de comprar um táxi e botar alguém pra trabalhar, que era um dinheiro a mais, que na hora que eu resolvesse parar eu tinha... né? Meu dinheiro... e foi o que eu fiz, tinha o dele, um ajudava o outro, mas eu tinha, que dizer eu não era dependente dele, financeiramente não, porque, até porque lá na Marinha o salário dele não era tão, tão assim, entendeu? Aí depois que ele começou a fazer segurança... ah, não era, e eu tinha meu táxi que dava meu motorista todo dia dava as diárias.

Bruno: E o motorista era uma pessoa conhecida?

Rosa: Era conhecido...

Bruno: Ou você botou no jornal?

Rosa: Não, não, era conhecido dele lá, porque ele já tinha trabalhado num táxi pra outra pessoa... e essa pessoa, é... seu Sol veio ao, acho que do antigo táxi dele, que também acho que não era dele, era da esposa dele que era enfermeira aí do Andaraí, aí procurou ele tava sem trabalho, aí botou ele que já era conhecido, uma pessoa idônea, né? Já, responsabilidade, aí ele trabalhou durante muito tempo com agente no táxi.

Bruno: Quanto tempo mais ou menos você ficou com o táxi?

Rosa: Eu fiquei com o táxi até pra perto quando eu comecei a sentir que ele tava assim, ele tinha má vontade, entende? No táxi, ele é uma pessoa que entende de mecânica, entende muito de carro.

Bruno: Ele e o motorista?

Rosa: Não, meu ex,... então, as vezes o motorista, tu sabe motorista como é que é? Por bom que ele seja ele não cuida de um objeto que não é dele como você, dava um probleminha no carro, coisas que eu sabia que o Zé Carlos poderia consertar e eu pedia a ele, aí ele: ah, não dá... de folga, aí ele: ah, não dá... e foi indo aquele desgaste, pôxa, coisa... eu ter que pagar mecânico tirar dinheiro, pagar mecânico, uma coisa que ele podia ver que a princípio ele via, a princípio de quinze em quinze dias assim tipo, ele dava uma geral no carro via como é que tava tudo que em matéria de negócio de carro ele entende muito, sabe, entende, então, ele pegava um carro ele... aí foi indo, ele começou, depois que ele passou

a fazer segurança pras pessoas famosas aí ele achou que não podia mais botar a mão na graxa, sei lá o que, não sei que aí já tava, mudado, sempre foi metidinho, aí ficou né falando, aí eu ah... gosto dele, sabe? Tenho algumas mágoas, mas gosto, mas aquilo foi... eu não podia fazer porque eu não sabia, quer dizer um dinheiro que podia vim prum leite, prum lápis, um caderno pras crianças, eu tinha que pagar um mecânico, sabendo que a pessoa podia fazer, aí aquilo foi, sabe? Foi me desgostando, desgostando, aí eu resolvi vender, porque eles tinham a tal da caderneta, quer dizer... eu vender, agente, fiz meus cálculo dava, né? Pôxa, vendo o carro, isso, boto na caderneta, não mexo...

Bruno: Caderneta de...

Rosa: Poupança, né? E eu sei que todo mês eu vou ter aquilo, eu não vou gastar aquilo tudo, pagando as..., mesmo pagando o meu aluguel ou ter que mesmo pagar vai sempre sobrar algum pra juntar aquilo e foi assim que eu fiz, só que veio o governo Collor, não foi? Eu acho que foi, aí acabou a caderneta, acabou o dinheiro, acabou tudo, aí eu tive que partir pra outra.

Bruno: Agora, você falou que seu ex-marido fazia segurança pra pessoas famosas, né? É...

Rosa: Faz ainda, né? Que ele é empregado da Maria Bethânia já vai fazer uns trinta anos.

Bruno: Trinta anos?!

Rosa: Já tá... vinte e pouco, ele diz trinta, mas é vinte e pouco, vinte e cinco por aí que ele é segurança dela.

Bruno: E,e...

Rosa: Mas é de confiança, viaja junto com ela pra tudo pra que ela for...

Bruno: O, o táxi durou quantos anos aproximadamente?

Rosa: Ah, Bruno, assim... vamô contar desde... tipo setenta e sete, setenta e nove até essa época aí que eu não me lembro quando é que foi... oitenta e pouco, né que foi... esse negócio de... oitenta e pouca coisa eu acho.

Bruno: A época do Collor que você diz?

Rosa: É, antes, um pouco, né? A época do Collor foi quando o dinheiro... acabou as cadernetas, né? Agente botava o dinheiro, que não mexia, todo mês tu tinha

aquele jurinho, que podia fazer o que você quisesse, né? E dava, aí... assim exato... não guardo, assim, se tivesse que ter... houve essas etapas assim.

Bruno: E foi também nesse momento, é, em que...

Rosa: Que ele já estava se afastando também de casa.

Bruno: Já estava se afastando? Ah, vocês se separaram e você continua morando na rua dos Inválidos?

Rosa: Não, eu morava na rua dos Inválidos logo quando eu fui e me juntei com ele, aí passamos uns dois anos por lá, depois eu fui pra Ilha do Governador, aí depois da Ilha, morei um ano lá, só que aí minha irmã tinha casado, né? Tinha ido, foi morar em São Paulo, aí meu irmão foi casar também, aí pra minha mãe não ficar sozinha, que o meu irmão tinha comprado um apartamento no B.N.H., aí... agente conversou e eu voltei pra cá, pra rua do Escorrega...

Bruno: Com ele ou sem ele?

Rosa: Com ele ainda, com ele pra ficar junto com a minha mãe, até... enquanto minha mãe ficou aí, depois passou uns anos, minha mãe comprou casa pra lá... e meu irmão ficou... foi morar lá, né, no B.N.H., foi morar, né? Aí minha mãe...

Bruno: E sua mãe ainda trabalhava nessa época com a venda de doces?

Rosa: Trabalhava, ela só parou de trabalhar com essas vendas de doces, com essas coisas, quando ela mudou lá para o B.N.H., aí que ela parou, lá ela ficou, botou uma birosquinha pra ela na casa, botou não, já comprou a casa com a birosca e ficou trabalhando até... quatro meses atrás com setenta e poucos anos, morreu ainda trabalhando.

Bruno: Agora Rosa, após a venda do táxi é... você passou a trabalhar com o que? Ou com... não... ficou vivendo só da poupança?

Rosa: Não, aí eu... foi quando foi acabando minha poupança que todo mês tinha que tirar, pagar aluguel, porque ele não tinha responsabilidade... nenhuma...

Bruno: Seu ex-marido?

Rosa: ...morava aí por morar, mas quando pagava uma conta de luz, ou alguma coisa, mas o aluguel era eu, alimentação essas coisas... aí tinha uma pensão, aqui em cima, aqui em frente de casa mesmo, aí fui trabalhar de ajudante de cozinha.

Bruno: Uma pensão em frente à sua casa?

Rosa: É, aí eu fui ajudar na cozinha, lavar panela, esses negócios todo, depois trabalhei de garçõnete, nessa mesma pensão há um bom tempo, aí partir pra luta, né? Trabalhei aqui, aí depois não deu mais, fui lavar panelas na casa da vizinha dona Ana, que também dava pensão na época, passava roupas lá na João Homem, uma amiga minha que lavava roupa de marinheiro...

Bruno: Na ladeira do João... ladeira João Homem?

Rosa: Aí eu ia pra lá de noite passar roupa, aquelas roupas de marujo, que ela lavava que era muita roupa, ela lavava e eu passava.

Bruno: Isso você já estava com seu segundo filho? Já tinha seu segundo filho?

Rosa: Já tinha o Alessandro, o Alessandro já tava com seus seis sete anos, foi quando... aí ele foi embora de vez, aí eu fiquei... ele tava aí, ele ainda estava aí, eu já estava trabalhando na cozinha aqui da pensão, aí logo depois ele... não deu mais porque eu dei um flagrante, fui na casa... ele dizia que era mentira... não tinha responsabilidade financeira em casa, não tinha nada... pôxa, é...marido e mulher agente também já não era, alguma coisa estava errada, já tinham me falado endereço e tudo e dizia que era mentira, crescia, porque tudo dele... ele é grande, altura, alto, então dava um grito, eu tinha muito medo dele... eu tinha medo dele, quando eu falo pros meninos "eu tinha medo do seu pai", eu tinha medo porque uma vez ele me deu um tapa muito grande, que eu ainda tenho a cicatriz aqui e eu tinha medo de falar, sabe? Eu era muito reprimida, não falava, mas teve um dia, dá, dá aquele negócio em você, você disser, você tem que tomar uma atitude na vida Rosa, vou ficar assim como, trabalhando na cozinha dos outros, meu marido andando aí todo bonitão e eu aqui com meus filhos na situação, meu filho precisando de um chinelo, de um tênis e nada...

Bruno: Porque o dinheiro que você conseguia nesses trabalhos, não tava, não tava dando pra...

Rosa: É, só comprava alimentação que era eu que botava dentro de casa... roupa as crianças sempre precisam, água, luz, telefone, esses negócios, é, é... um salário mínimo, sabendo que a pessoa... aí eu fui, bati na porta, o cidadão me atende de sunguinha e disse que não era cara... é brabo (risos), aí eu falei olha... eu fiquei com medo, na ho... lá, eu, sabe? Xinguei tudo, mas aí eu vim embora,

cheguei em casa nervosa, aí eu falei com os meninos com medo, porque aí, todo o final de semana eu já estava indo para minha mãe, aí todo final de semana eu ia pra minha mãe, pegava tipo assim... feijão, arroz, mistura, sabe? Não dá, né? Não dá porque... aí ele teve a coragem de dizer pra mim que aqui... que eu que era a esposa dele, que aquilo não era nada e que ficou e que não ia sair de casa não, porque quando eu conheci ele, eu conheci ele no apartamento dele e não ia ficar na rua, eu disse menino, você estava lá com a mulher no apartamento, eu te vi, não, não era você, era o que? “Ah, mas ali não é minha, minha casa, ali era..., sabe? Ali é a... não sabe? Aí foi indo, eu serrei cama, a cama de casal, aquelas camas box que agente chamava de ser rei, deixei a metade do quarto pra ele, botei a outra metade no quarto com as garotas e ele ficou alguns meses ainda... mas eu tava vendo, também ele só ia lá assim raramente, não almoça, não assim, roupa não lavava, nem nada, aí foi indo, foi indo, foi de vez.

Bruno: E as despesas com as crianças ele arcava, ou não?

Rosa: Nunca, assim, a princípio, durante uns dois anos ele deu o décimo terceiro, durante mais uns três ou quatro anos, ele ajudava no material escolar do Alessandro, que o Márcio aí já tava fazendo segundo grau, esses negócios, e aí tipo assim, chegava a lista de material da escola, ele falava “compra que depois eu dou”, aí eu comprei umas duas vezes eu comprava, ele deu depois ele achou que não tinha que dá, compra que agente divide, eu dou minha parte tu dá a tua, só que eu comprava, tinha que começar as aulas tu tem que comprar antes de começar as aulas, eu comprava ele só vinha dar a parte dele lá pra junho, julho e parou de dar.

Bruno: Mas o dinheiro é... que você conseguia com... passando roupa, na pensão, dava pra segurar a onda dos dois filhos? Dava pro aluguel?

Rosa: Dava apertado, dava apertado, porque inclusive, eu ia pra minha mãe, minha mãe me dava, né? Todo final de semana eu ia, tipo assim, no sábado, na sexta...

Bruno: Sua mãe ajudava... financeiramente?

Rosa: Exato, me dava tipo compras, arroz, feijão, carne, ela fazia uma comprinha sempre, todo final de semana eu trazia, que dizer, pelo menos... o grosso da

alimentação minha mãe me dava, aí eu continuei passando roupa pra um, lavando panela pra outro, comecei a comprar caixa de água mineral indo vender final de semana ali dentro da rodoviária, foi quando uma vizinha, a Sheila que alugava vagas e eu...

Bruno: Vagas pra quem?

Rosa: Pra meninas que trabalham na noite, foi quando... e eu já fazia comida pra uma dessas meninas... e ela começou “sai da cozinha dos outros, tu fica lavando panela aí pra essa dona e ela te xinga”, que sabia que me xingava mesmo, ficava de nove, dez horas da manhã até seis horas da tarde lavando panela, que era aqueles panelão e eu lá esfregando, “tu tem um quarto aí, bota um beliche, aluga uma vaga que tu vai se dar melhor, porque além de tu alugar vagas pra essas meninas, tu também sabe cozinhar, você vende a comida pra elas, aí eu... aí eu pensei, aí teve um dia que ela teve briga com uma delas que morava com ela, ela mesmo me chamou e me deu essa garota pra morar comigo, foi a primeira né? Aí de lá pra cá eu comecei a alugar vagas pras meninas de programa... que também fui tachada de novo, né? Mas, fazer o que? Ninguém me dava nada (risos), ela que me deu essa luz, os vizinhos, né? Que alguns vizinhos diziam que a minha casa era a casa da luz vermelha que eu tava trazendo prostitutas pra rua, só que hoje em dia a maioria fazem, o que eu fiz na época por necessidade, não por olho grande, hoje em dia a maioria faz, a maioria, você vê daqui pra cima quanta gente que ta alugando vagas pra essas meninas? Que dizer... mas... por causa disso e daquilo... e eu que já era uma pessoa... assim, tipo fechadona, a única pessoa com quem eu tinha assim um papo mesmo era com a tua mãe, que agente nunca deixou de... assim ter amizade, amizade, a Ana aqui do lado... e... Dona Bernadete aí, sabe como ela é, né?

Bruno: Como que ela é?

Rosa: É assim falava... ela não, dizem que a filha que “puxa aluga vagas para prostitutas e os filhos usando as roupas da Alfândega, é duro, e eu só “oi tudo bem? Como vai?”, aí tu...

Bruno: Tendo que conviver com...

Rosa: Levando gente... porque eu não gosto de intriga assim, tá de mal com as pessoas... às vezes, quando eu venho me estourar é porque... sabe? Já tá mais... foi... mas era eu que tinha que para sustentar meus filhos... lavei roupa de prostituta? Lavei... convivi com elas? Convivi, meus filhos conviveram com elas, conviveram...

Bruno: Dando prosseguimento, eh, você tava falando, da reação dos vizinhos quando você começou a alugar quarto pras meninas que trabalhavam na noite.

Rosa: É, agente sentia a indiferença, né? que, tá alugando vaga pra, pra mulher que se prostitui, pra mulheres da Mauá, é sentia, né? Ficava, ficava triste, às vezes chorava, assim, sozinha mas, continuei tava trabalhando, lavando roupa pra elas, fazendo comida, e dividindo meu espaço, né? Elas me pagavam, então, pra manter meus filhos na escola nos estudos e... ficava naquela, elas não se preocupam, ninguém nunca se preocupou, eh, eu me separei do meu marido e nunca ninguém sabia, assim, se ela bom pra mim ou não, mas também ninguém nunca procurou saber assim, ô Rosa, tu tem um lápis pra teu filho ir a escola ou alguma coisa, então, desde que eu não tava fazendo nada errado porque, alugar vaga pra uma mulher que trabalha na noite, ou prum marinheiro, seja lá quem for, eu não acho isso errado, mesmo que eu fosse me prostituir não seria errado porque seria eu, né? Quanto mais alugar vaga, então, continuei, trabalhando assim, fui indo, meus filhos estudando...

Bruno: Elas pagavam em Dólar ou Real?

Rosa: Não, pagavam em dinheiro normal, no nosso dinheiro mesmo, a não ser assim, quando não tinham, estavam com preguiça de trocar elas davam, mas o equivalente, né? Aí eu trocava, se tivesse que dar troco, dava.

Bruno: Eh, quantas meninas, eh, o máximo de meninas que você já colocou na sua casa?

Rosa: Teve uma época que tinha umas dez garotas, porque era época assim, de final de ano, época de temporada de navios passageiros e vinham sempre meninas de fora, e eram mais as meninas de fora, que ficavam por aqui, meninas que eram mais calmas e tudo, né? Porque tem umas meninas que são mais agitadas, que bebem, que não querem saber, chegam, não deixam as outras

dormirem, porque já falam mais alto, e já tem uma dormindo a outra começa a falar alto, aí aborrece, sempre era mais assim, essa época, de final de ano, que era época de temporada, né? E aí sempre vinha menina de Santos, de Vitória, aí uma, tinha conhecimento, já vinha indicada, assim ó “procura a tia Rosa lá, que é calmo, é tranqüilo, pode ir”, aí elas vinham, procuravam, sempre tinha um lugarzinho, até assim, jogava um colchonete, elas aceitavam numa boa, negócio era, alas sabiam que tinha tranqüilidade, né?

Bruno: Saía muita confusão assim, entre elas, ou era calmo?

Rosa: Não, confusão que tinha assim, era, às vezes que um pegava, assim, uma ou duas que, assim, pegava a roupa da outra assim, sem pedir emprestada, mas depois elas se entendiam (risos) assim, esses negócios mas, que era mais, que uma só pegava da outra quando elas tinham muita amizade uma com a outra, não pegavam daquelas que não tinham muita amizade, né? Tipo assim, a Monique com a Solange, pegavam porque elas tinham muita amizade aí uma achava ruim, mas depois deixava pra lá, assim, essas coisas, tem aquele negócio, né? Que me chateava, eu limpava a casa, tudo arrumadinho, limpava o banheiro, aí cada uma que tomava banho ninguém secava, todo mundo deixava aquele aguaceiro lá, quer dizer, eu passava por essas coisas mas, os vizinhos de lá pensavam “Não ta numa boa, ta ganhando em Dólar” e não sabiam o que eu tava passando aqui dentro, né? Tipo assim, cada uma que comesse, ninguém lavava seu prato, ninguém lavava seu copo, sempre iam deixando, e é uma coisa que, o certo seria, você comeu você lava teu prato, não te custa nada, você tomou uma água, lava teu copo, deixa ali, pronto, mas isso elas não faziam... mas também não brigava, quando eu tava atacada eu dava umas crises, mas depois ficava por isso mesmo.

Bruno: Você cobrava à parte a comida eh, e a lavagem de roupas ou não?

Rosa: A comida era por fora, e a lavagem de roupa também, o preço que elas pagavam pra dormir era outro.

Bruno: Eh, assim, você já teve algum problema assim, algum problema com meninas usuárias de drogas assim?

Rosa: Já, tinha umas garotas aí que usavam, agente dava conselho mas, elas não queriam, de jeito nenhum, não que elas fizessem aqui, sempre quando elas

chegavam, elas já chegavam, mas agente já conhecia, já falava “Ó, toma juízo, isso aí não leva a nada” e tinha uma época que não dava, que elas continuavam aí pedia, pra elas mudarem, quer dizer, aquelas que era muito assim, aquelas que agente via assim, pra ficar no meio das outras, porque incomoda porque, chegava não dormia, quem tava com sono queria dormir e aquela que chegava meio pancadona não dormia e ficava naquela, então por causa de uma não ia estragar o rebanho, porque beber um drink, uma coisa sempre bebem mesmo, mas drogas já ficava diferente, aí aquelas, é que foram poucas assim, e pediam, ficavam “Ah, deixa eu ficar, mas eu gosto de falar com você e porque não sei o que” eu dizia “você gosta de mim mas não gosta de você porque se você usa isso é porque você não gosta de você, como é que você vai gostar de mim, então não dá porque aí você ta me atrapalhando” e iam mas, as que faziam isso, até hoje, encontro elas na rua, elas se dão comigo, tudo, numa boa.

Bruno: E problemas com polícia, você já chegou a ter algum porque você alugava quarto?

Rosa: Não, não, nunca cheguei a ter problema nenhum com polícia, graças a Deus, porque também eu não fazia, homem não vinha aqui então era o lugar delas, então como eu falava pra elas “Aqui... faz de conta que vocês”, são de fora né, uma é Bahia, outra de Pernambuco, cada uma, carioca tinham poucas, “Então aqui é como se fosse a casa da mãe da vó de vocês”, então “lá fora o que vocês fazem, fazem lá fora, aqui vocês se reúnem, é uma família” então, homem pode receber até uma ligação, mas homem aqui dentro de casa não entrava, assim de vir pra namorar, pra essas coisas, não tinha esses lances não, assim, muito difícil teve um que veio, mas quando veio, veio buscar a menina pra casar, já, né? Que ele veio buscar ela pra casar, ele ligava muito de lá, aí quando ele veio pra casar, ele veio conversou, fez a despedida dela aí, mas não assim de ficar, homem dormir aqui, essas coisas, esses lances nunca teve.

Bruno: A maioria sai daqui casada, ou não?

Rosa: Não, umas já saíram casadas, já saiu juntadas, já saiu pra outro país, já saiu um montão e não voltou mais, tão por lá casada hoje, com família por lá, não pretendem mais voltar para aqui e, algumas, acho que estão bem, né? Não

enriqueceram mas estão com uma vida normal, tranqüila, tão com sua família, tão numa boa.

Bruno: Eh, com relação a renda, né? Você entrou nisso a partir do momento que você se viu obrigada a dar um jeito pra sustentar seus filhos, eh, deu resultado?

Rosa: Deu né? Porque deu pra pagar meu aluguel, minha água, minha luz, minhas contas, dar os estudos dos meus filhos, aquilo que era necessário, nunca faltou um material escolar, uma meia, um sapato, essas coisas assim, que era o meu medo, pô, chegou a lista de material e eu não ter, e meu filho ficar lá humilhado, sem ter o material escolar dele, a roupa normal dele, sempre tiveram.

Bruno: O pai não ajudou em nada?

Rosa: Não, nada... nada (risos), quando ele dizia assim “Compra o material, depois me diz quanto é que eu dou minha parte” durante uns dois anos ainda deu, depois esqueceu de dar, foi assim, tipo, eu comprava o material em Fevereiro, pra começar as aulas em Março, final de Fevereiro, ele me dava, mostrava notinha fiscal, né? E ele vinha me mostrar o dinheiro assim, lá pra Junho, quando aparecia, porque ele não era muito de aparecer, mas aqui, sempre chegou, de carrão, cheio de jóias, todo empetecado e, quer dizer, mas graças a Deus ele tá aí, peço a Deus que todos nós ainda vivamos muito anos, pra ele ver meus filhos formados e encaminhados e ele dizer “Poxa, não colaborei com nada ali”, não é vingança não (risos), mas sei lá, aquele negócio que agente tem e, não lembrar do aniversário, assim poxa, ele saber que apesar de ele nunca ter dado nada, nunca ter ajudado, assim, porque criar dois filhos assim, nessa época de droga, de tudo quanto não presta, Graças a Deus meus filhos não têm vício, não é porque são meus filhos eles realmente não têm, Márcio, às vezes bebia uma cervejinha, o Alessandro, mas não é aquele negócio, você vai numa festa e bebe um copo, dois de cerveja, não é que seja viciado, não são, com droga também não são então, isso pra mim é uma glória, criando eles como eu criei eles, no meio de prostitutas, né? Prostitutas que bebiam, como eu falei tinha alguma que chegava drogada e eles, não viram aquilo como exemplo de nada, seguiram o caminho deles, com decência e de honestidade, assim, o que pra mim, glória a Deus porque, não tendo um pai pra orientar porque sempre tem que ter um pai pra orientar um filho,

chega uma idade que todo garoto quer, uma orientação do pai, e essa orientação meus filhos não tiveram, eu que tive que dar todas, “Você ta ficando homenzinho, você vai precisar de ter uma mulher, você se cuida assim, ou se cuida assado, de um jeito, essas doenças, é uma gravidez inesperada”, essas coisas todas, que eu acho e, pelo certo seria conversa de pai pra filho, né? Porque, normalmente a mãe conversa com a filha, pra explicar essas coisas da adolescência e o pai com os filhos e, não teve isso... mesmo agente vivendo assim nesse meio, eles tão aí.

Bruno: Agora, Rosa, você arrumou além de aluguel de quarto, outras formas de, pra aumentar a renda?

Rosa: Teve uma época que , aí, tem aquele negócio como eu te falava, tinha uma época que tinha as garotas, tinha a temporada, depois elas iam embora, ficava mais difícil, porque aí diminuía, porque você tava contando com x, aí aquilo diminui, e o Márcio já trabalhou em alguns lugares, aí saía, depois que teve, teve uma época que ele trabalhou na Riotur, trabalhou em uma agencia de turismo, trabalhou em uma porção de lugar, mas depois que ele ficou desempregado e nada...

Bruno: Quem, o Márcio?

Rosa: O Márcio, né? Depois, só currículo pra cá, currículo pra lá, nada de emprego, ele tinha uma namorada aí que, “Ah, vamos lá vender abacaxi, ta na época de abacaxi, vamos pra praia pra ganhar dinheiro” então foram vender, melancia e tudo, mas não foi... aquilo que eles esperavam, aí, em casa, agente ah, vamos ver aqui na Praça mesmo, então, vamos fazer salada de fruta, que era época de verão, vamos fazer salada de fruta, aí começamos, ele, ela, eu, aí minha irmã entrou, fazendo salgadinhos, aí agente já vendia, botamos uma barraquinha e vendíamos lá embaixo, nó quatro na? cada um fazia uma coisa, eles vendiam, eu e minha irmã fazíamos, depois comecei a botar caldo de mocotó.

Bruno: Isso, eh, durante o dia?

Rosa: Não, à noite, porque de dia não podia trabalhar assim porque não tinha licença, essas coisas, aí o rapa levava a barraca, né? Então só podia trabalhar, tipo de seis, sete da noite até seis horas da manhã, aí é a noite toda acordada, esperando o freguês, porque, às vezes, passa mais de uma hora pra chegar uma

freguês, às vezes chega uma atrás do outro, mas, aí chega um monte, aí tem hora que passa aquele, aí passei a vender comida, né? Passei a vender caldo de mocotó, aquele caldo de ervilha, que eles gostavam, no copo, aí parei, paramos com a salada de fruta, nisso aí já, Márcio já não tava mais com a namorada, ficou só eu, Márcio, Minha irmã, e agente ficou lá, na barraca. Um dia, como eu falei, minha mãe mandou dar umas costelas com batata, aí aquele negócio, agente levou lá pra baixo, o pessoal gostou, “Ah, porque a senhora não traz comida, Tia Rosa, não sei que lá, traz comida que todo mundo vai gostar”, aí passei a fazer comida e levar, passei alguns anos e agente vendendo comida lá embaixo, eu fazia, minha irmã vendia, eu ia todo dia pra Central fazer compras, aqueles lances, o Márcio também ficava vendendo, e teve uma época que teve bem, dava pra tirar pros quatro, cada um, aí depois começou a enfraquecer, porque agente tinha muito freguês do Cais, as pessoas que trabalham no Cais, vinha assim, tipo, dez horas da noite, jantar, aí depois foi acabando, com pouco serviço no Cais, quase não tinha ninguém, aí baixou a freguesia, eu também já tava cansada, aquelas panelas, todo dia, era muita panela (risos) cada panelão

Bruno: Agora Rosa você falou que a sua mãe teve problemas com o rapa né? Que ela chegou a correr com mercadoria.

Rosa: Teve, subia essa ladeira aqui com caixas correndo e quando era pego... e quando era pego lá em baixo eles levavam mesmo, levavam a mercadoria mas como a principio ela trabalhava assim, vendendo frutas com um amigo nosso era um tabuleiro, e tabuleiro se fazia outro, levava, mas depois que ela passou a trabalhar com o negócio dela mesmo ela botou a barraquinha dela de baiana típica que aí vendia cocada, bolo de aipim essa coisas típicas mesmo da Bahia o rapa chegou a levar algumas vezes, que eu me lembre assim foram umas duas ou três vezes por aí levaram a barraca dela, a barraca grande toda de vidro e tudo e eles levavam.

Bruno: E vocês, tiveram algum problema vocês quatro, você sua irmão, seu filho mais velho e a namorada dele?

Rosa: Não, com esse negócio de Rapa nunca levaram não, porque agente trabalhava à noite, à noite eles não, só uma vez que apareceu um, mas deve ter

sido assim, queixa de alguém, por alguma coisa, porque agente trabalha num lugar, tem que deixar tudo direitinho, tem gente que, realmente, acaba de trabalhar, prédio dos outros, deixa tudo sujo, ali agente sabe que, foi alguém que deu queixa pra alguma pessoa, e eles vem, e não vêm, não vem naquele, vão em todos, né? Mas da gente não chegou a levar nada não, chegou a levar lá do menino do cachorro quente, mas só, pronto, mas na época da minha mãe não, eles levavam mercadoria, ia prum depósito ali na Praça da Bandeira, depois ia lá atrás e trazia a barraca, o que fosse, mercadoria.

Bruno: E conseguia?

Rosa: Conseguia, não conseguia mercadoria.

Bruno: E tinha que pagar alguma coisa?

Rosa: Olha, pagar eu não me lembro se tinha que pagar uma taxa, mas alguma coisa assim, agora, mercadoria não vinha não. Muito raro vinha alguma coisa, que aí eles diziam que a mercadoria eles diziam que era pra FEBEM, essas instituições, né? Que eles levavam, que era, coisa de alimentação que minha mãe vendia.

Bruno: Após o lance, eh, da venda de comidas, né? Você arrumou alguma outra forma de renda além do aluguel dos quartos?

Rosa: Comecei a vender cachorro quente, também à noite, né? Com uma menina lá com a barraca, agente dividia, eu trabalhava um dia assim, um dia meu, outro dia dela, a barraca e o ponto é o mesmo, só que um dia eu trabalhava no outro dia ela trabalhava, é que agente, estamos aí, na luta, que vaga aí já tava fogo, que as meninas começaram, aquelas certinhas a viajar, outra casou, aí aquelas que indicavam já não estavam mais pra indicar quando chegavam essas novatas, assim, que vinham, pra passar temporada, que tem gente que fala “Ó eu alugo vaga, vai lá”, eu nunca falei, comigo sempre foi assim, uma fala pra outra, “Ó, procura a Tia Rosa que ela”, então ficou mais um pouco, aí eu fiquei vendendo, o Márcio também não tinha arranjado emprego ainda, agente lá no cachorro quente, eu e ele trabalhando no cachorro quente, foi quando, currículo aí, firma, concurso também, nada pra ele, ela já com filha, quer dizer, aí agente entra assim, como sempre, entra em desespero, porque agente quer assim, se quer, ter uma

segurança, entende? Que agente, eu sempre, quero uma segurança pra mim, pra meus filhos, pra minha neta agora, e o Márcio sempre teve, mexeu com computador, internet, conserto de computador, tudo, em matéria de computação, ele, então, como ele viu esse negócio aí dessas, desses games, internet, tudo aí resolveu, aqui na sala mesmo ele botou dois computadores, vamos ver, botou uns jogos...

Bruno: dentro da própria casa?

Rosa: é, aqui na nossa sala, agente desocupo, botou uma mesa com dois computadores, aí avisava pra rapaziada, né? Se quisessem entrar na internet tudo, aí começaram a vir, pra aí diz assim, agora já tem gente que já sabe, aí fica esperando mais computador, o negócio é agente fazer crediário, vamos fazer crediário e começar a comprar, peças assim, pra montar mais computador, aí foi, montamos, alugamos essa sala aqui na frente e agente compra um, paga, vai comprando outro, agora já temos, um pouquinho e, pretendemos ter mais e arranjar um ponto melhor porque, ele faz serviços de digitação, tradução, o pessoal entra na internet, eh, todo tipo de serviço de computador, é feito, ele faz, entende?

Bruno: Quantos computadores tem atualmente?

Rosa: Atualmente agente ta com sete e um emprestado, que meu irmão empresta, todo ano ele empresta...

Bruno: Oito ao todo?

Rosa: É até Abril, quando chegar Abril fica só sete, agora, né? Sempre fica porque, pra terminar a prestação aí, tem ir comprando, que é pra melhorar.

Bruno: É, agora Rosa, você falou que o Márcio, seu filho mais velho, distribuiu currículo em diversos lugares, né? Você credita isso a alguma coisa?

Rosa: Não sei, eu sou, não sei se eu botei na minha cabeça ou achei que, sei lá, se é preconceito, ou também...

Bruno: Que tipo de preconceito?

Rosa: Da cor, né?

Bruno: Racial?

Rosa: Exato, ou também, tem muito empregos aí que é, são mais indicados, e agente não tem assim amizade pra indicar pra lugar nenhum, teria no caso o pai deles se, se interessasse, quisesse porque tem amizades, mas agente também não pede a ele, porque ele vê, ele sabe da capacidade dos filhos, com quem ele trabalha, tem, ele tem um vasto conhecimento, gente que, ele poderia arranjar alguma coisa pra eles, nem que fosse uma coisinha pequena e eles irem vendo a capacidade deles e, né? Irem crescendo, onde quer que seja, mas já que ele nunca ofereceu, agente nunca pediu, porque, sabia que ele tem conhecimento, ele tem, porque ele trabalha com uma pessoa muito importante, muito famosa, que tem muito conhecimento e ele ta sempre com essa pessoa, creio eu, que se ele chegasse pra essa pessoa e falasse “Ah, arranja num escritório” ela não arranjaria, ela arranjaria sim.

Bruno: Qual o nome dessa pessoa mesmo?

Rosa: Pra quem ele trabalha? É uma cantora aí muito famosa (risos), a Maria Bethânia (risos).

Bruno: Eh, Rosa, vocês já estão com a loja, de computadores há quanto tempo?

Rosa: Dois anos, dois anos e, parei com cachorro quente, né? Por causa da perna, sinto muitas dores no joelho, engordei, pra quem sempre pesava cinqüenta e seis, cinqüenta e sete, estar com cento e vinte, tu imagina como é que eu estou, pra andar, pra fazer as coisas, porque senão eu ainda estaria lá, vendendo cachorro quente, que seria um meio de, mais uma ajuda, né? Mas o problema agora é cuidar dessa saúde, e ver, né? Pagar as dívidas, porque sempre, tem que estar pagando alguma coisa, comprar, peças de computador é tudo caro, quando dá pane num, às vezes passa um tempão pra agente conseguir comprar aquela peça, porque tudo são peças caras, é muito raro ter peças, coisinhas baratas, mas agente vai indo, trabalha, trabalha os dois irmãos, minha sobrinha que também, que ela faz faculdade de informática, pra ela é como se fosse um estágio, né? Porque ela ta se aperfeiçoando mais e, começamos às nove, também, e enquanto tiver cliente lá, conversando na internet ou digitando algum trabalho, porque tem muita gente que vai fazer trabalho escolar, trabalho de escritório, documentos assim.

Bruno: Normalmente vai até que horas?

Rosa: Ah, até às três, teve dia de eu fechar cinco da manhã...

Bruno: Três? Cinco da manhã?

Rosa: Teve dia de eu ficar lá, esperando, né? Eles lá no computador, conversando, às vezes jogando...

Bruno: De nove às três da manhã? Dezoito horas?

Rosa: Aí cada um fica uma parte, né? Alessandro fica uma parte, a Camila fica outra parte o Márcio fica outra parte e agora tem um amigo nosso, que o Márcio ta dando uma força a ele, que ele não é brasileiro, também ta aqui, desemprego, ele tem, também um currículo muito bom, ou trabalha eh, eu não sei tipo, falar o nome do trabalho que ele faz mas é um trabalho que é, um trabalho difícil e, ele conseguindo, é um trabalho que dá renda, só que ele até agora, ele não conseguiu um, uma oportunidade, então... Chegou aí pra, entrar na internetm, e fez amizade com agente, o Márcio deixava ele aí, porque ele, não sei se ajuda porque, da família, porque ele é da Jamaica, e ele também que às vezes, quando precisa sair, ou alguma coisa, aí ele dá uma força pra mim, fica lá, dá uma força pra gente, fica de madrugada ou assim, de noite, aquela mão, um ajudando o outro, aí porque sabe, né? Aí agente ajuda ele hoje, amanhã alguém ajuda agente, ih, não tem aquele negócio de egoísmo, de não, não conheço, não vou ajudar não, o Márcio ta dando uma força pra ele e ele, por sua vez, passa coisas para o Márcio.

Bruno: Rosa, eh, você falando da história da sua mãe, que veio de Pernambuco pra cá pro Rio, remete aquela história da migração, né? Norte, Nordeste, procurando uma melhora, melhor condições de vida, no Sudeste, você poderia falar um pouco mais sobre isso?

Rosa: No caso da minha mãe, na época, não sei se foi melhora ou também porque, eu saí de casa, eu trabalhava numa casa de uma senhora com uns doze treze anos, meu irmão, veio também para o Rio com a madrinha dele que tava doente, mas ele, era criado por ela e ele era muito apegado a ela, ele veio e minha mãe ficou naquela, tava tipo assim, com desgosto mesmo porque saí de casa né? A saudade do filho, e ela veio, veio pra morar aqui, aqui nessa rua mesmo, só que

não era nessa casa, era mais em cima ali naquela escadinha que tem, num quartinho lá, uma cama pros cinco, eh, cresci ali, subia aquela escadinha, cansativa pra caramba, aí, com uns dois anos eu vim...

Bruno: Dois anos depois?

Rosa: É, já tinham uns dois anos que ela já tava aqui, quase uns dois anos que ela já tava aqui, que eu vim, tava correndo o rapa por aqui, aí eu vim também, aí, procurar emprego eu, muito tapada, não sabia procurar, cidade grande, pior ainda, se eu não conhecia lá, que eu não saía de casa pra nada, imagina aqui, como é que, era aquela, sem saber de nada, fazer o que, procurar no jornal, mal sabia, mal tinha o segundo ano ginasial na época... aí foi quando peguei o anúncio, vamos trabalhar no circo (risos).

Bruno: Agora Rosa, você faria tudo de novo?

Rosa: Faria tudo de novo, gostaria de fazer com a cabeça que estou hoje, né? outros pensamentos, assim, esclarecimentos que eu não tinha, esclarecimento da vida, de tudo, né? Que eu não tinha esclarecimento, que eu fui uma criança assim, não eh, na roça, morava na cidade, mas não tinha assim, informações, minha mãe não dava informações, não passava porque ela não tinha pra passar, ela foi uma criatura rude, criada sozinha, sem pai, sem mãe, na rua, quer dizer, ela mesmo se cuidou, se criou, deu de tudo pela gente, e não tinha assim tipo, um rádio, não sabia o que era escutar um rádio, uma revista, não tinha assim, um livro, quem dissesse, "Olha, lê um livro", mesmo na escola era só aquilo da escola, quer dizer, só aprendi aquilo, o Beabá, mas se informar o que é as coisas, não tinha nem como, se passasse pela frente de uma banca de revista, nem olhava, que, às vezes, quando as crianças na escola emprestavam uma revistinha pra outra, tinha que ler escondido, que minha mãe achava que era um absurdo, ela não sabia ler, então achava que, devia ser coisa que não prestava, então escondia embaixo do colchão, pra ler escondido, não tinha nada, como agora tem televisão, agora tem, tem tudo aí pra, quer dizer, se eu começasse a trabalhar, agora, sabendo o que eu sei agora, talvez eu tivesse crescido em que eu trabalhei porque, mesmo sem saber nada, sem nunca ter visto ninguém dançar, sem nunca ter visto nada, eu caí

de cara e fazia as coisas direito, então, se fizesse agora, faria muito melhor e, estudaria, né? Pra crescer de alguma forma.

Bruno: Você poderia fazer um paralelo sobre, as diferenças, e semelhanças sobre a época em que você trabalhava e a época atual em que seus filhos estão tentando entrar no mercado de trabalho, fazer comparações?

Rosa: É aquele negócio, a dificuldade, eu não sei assim, mas eu acho que sempre foi difícil, né? Mas naquela época, eu acho que quem tinha informação assim, tudo, tinha mais campo de trabalho de arranjar trabalho, mas hoje, você conhece advogado, “Ah, to desempregado”, fulano, ah, se formou, ta desempregado, o outro “Ah, já terminei isso, to desempregado”, tu fica, pô, será que ninguém é capaz, aí tem um assim que, às vezes, não tem aquela, não chegou aquilo, ta empregado, porque foi indicado porá alguém, hoje em dia tem, mais, acho que pra tu arranjar um emprego é mais indicações, esses concursos, é só pra você pagar essas taxas abusivas, que tem concursos aí que você sabe que ta concorrendo com milhares, né? De pessoas, que tão naquela, tão bem preparadas, que fazem cursinhos, mas que são, eu acho que são muito caras essas taxas, e as chances são mínimas, caríssimas e são mínimas, eles dizem, que gastam com papel, essas coisas mas, será que gastam mesmo com isso tudo? E fica difícil, né? E às vezes, a pessoa passa, tira uma nota, não passa nos primeiros mas passa naquela, tipo assim, que você vai aquele concurso, Márcio já fez um acho que do TR, esse TRT, não sei, e diz que tem três anos pra ser poder ser chamado, até hoje nunca foi chamado, claro, como chamar, e de vez em quando você escuta falar, gente falar, você vê no jornal, que, pessoas que passaram no concurso, que passaram em primeiro lugar e que, outro dia eu tava lendo no jornal, naquela parte que tem, que os leitores, né? Mandam cartas, reclamando coisas, outro dia tinha uma menina falando que já tinha feito prova, tinha passado, acho que em um dos primeiros lugares e nunca foi chamada, até hoje, tem não sei quantos anos, e pessoas assim de conhecimento dela, já tinha sido chamado, contratado, como era isso, quer dizer, coisas assim, que agente vê, que agente, de qualquer jeito, tem arranjar, encostar em alguém, arranjar um padrinho pra dar uma oportunidade, que eles falam, primeiro emprego do jovem,

né? Dê oportunidade aos jovens, dê seu primeiro emprego, tem experiência anterior? Não, como é que você, teu primeiro emprego, você pode ter experiência, eh, tem coisas assim que ainda não entraram na minha cabeça, ainda ta aquela cabeça de não sei quantos anos atrás, que se não dão uma oportunidade como é que a pessoa vai conseguir alguma coisa, tem que ter experiência, como se é o primeiro emprego a pessoa tem que ter experiência, o homem passa pelo quartel, o que é que ele faz? Descasca uma batata, lava um banheiro, pinta ali, eles não têm um preparo, um curso técnico nenhum, né? Nenhum nas Forças Armadas eles não têm, assim pra sair preparado prum emprego, então como é que um jovem, vai trabalhar com a experiência, boa aparência, primeiramente, você tem que ter boa aparência e experiência no primeiro emprego, fica difícil, fica muito difícil...

Bruno: Agora Rosa, você tem netos agora, né? E, você tem eh, gostaria que você falasse assim sobre perspectivas assim, futuras eh, tanto pro seu filho mais novo, quanto pros seus netos?

Rosa: Olha, esperar que eles consigam, se realizarem, né? Conseguir aquilo que eles desejam, com dignidade, espero e peço a Deus que, os dois, consigam um bom emprego, que eles possam se manter, manter a família e viver com dignidade, né? E ela estudar, eh, estudar, estudar, até (risos) se formar, naquilo que ela achar que...

Bruno: Ela sua neta?

Rosa: É, ou mais netos que vierem, né? Porque, (risos) sempre vem mais (risos).

Bruno: Você falou que trabalhou como ajudante de mágico né, se você fosse o mágico, eh, qual seria a mágica que voce faria pra melhorar a sua situação de vida e dos seus filhos?

Rosa: Faria uma mágica para os meus filhos terem um emprego seguro, garantido, uma mágica para que nós pudéssemos comprar nossa casa, pararmos de viver de aluguel (risos) e, viver com nossas contas em dia, legal, e também curtir, passear, que também ninguém é assim, dizer assim, "Não tadinha de mim, é só trabalhar e tudo" não tenho vontade de passear, gosto de teatro, gosto de cinema, to privada dessas coisas todas, não devido assim, de não poder, poxa,

tem teatro de até cinco Reais, mas devido a saúde, quer dizer, eu ando um pouquinho meu joelho já fica, essas coisas, mas, ter, saber assim, não, hoje eu posso sair, agente vai num teatro, depois agente sai do teatro, ou cinema, assistir um show, e agente pode sentar numa lanchonete bater um papo, tomar um suco, fazer um lanche, essas coisas assim, acho que, o ser humano quer, né? Levar minha neta pra passear no parque, de vez em quando, nesses lugares, lugares aí, pra ela crescer vendo aquilo que eu não tive oportunidade, tudo aquilo que eu não tive oportunidade na minha infância, que ela tenha, aquilo que eu também não pude dar pros meus filhos, que eu dei tudo aquilo que tava ao meu alcance, eu acho que eu, mas sempre falta alguma coisa, né? Não dá pra... Uma mágica aí, né? Minha saúde, que é o, eu to precisando muito, muito mesmo, e saber assim, poxa, meus filhos tão bem empregados, empregos mesmo seguros, que ali eles, só é eles seguirem com dignidade e subir, eles mesmo por eles, ter, eles terem o princípio, o primeiro degrau, pra eles correrem mesmo ali, porque eles têm capacidade pra isso, não é porque sou mãe não, é porque eu sei que eles têm (risos)

Bruno: Ta ok, Rosa, obrigado, pela sua colaboração, te agradeço e, vamos ficar por aqui.

Rosa: Qualquer coisa que você precisar, estamos aí, espero que você tenha muito sucesso, que seu professor, dê uma boa avaliação (risos) na sua matéria...

Bruno: Ta ouvindo, né?

Rosa: Escute, lê com atenção, porque nada do que foi falado aqui é folclore, é coisas verídicas mesmo passadas, que só eu sei e, né? E esse menino merece (risos)

Bruno: (risos) Obrigado, Rosa.